

**AGATHA CHRISTIE**

# A TERCEIRA MOÇA



Título original: Third girl  
Tradução: Maria Isabel Garcia  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978



**APEDEUTEKA GUINEFORT**



HERCULE POIROT gostava de coisas doces. Estava sentado à mesa do café, tendo à sua frente uma xícara de chocolate fumegante, à qual um brioche fazia boa companhia. Poirot mastigava com ar de aprovação: o brioche era o resultado de uma busca que o levava a quatro padarias. Este era de uma *patisserie* dinamarquesa; apesar disso, infinitamente superior ao de outro estabelecimento, que se intitulava francês e não passava de uma impostora.

Ele estava gastronomicamente satisfeito, com o estômago em paz. Também o cérebro estava em paz, talvez um pouco mais do que convinha. Concluía sua *magnum opus*, uma análise dos grandes escritores de ficção criminal. Tivera a ousadia de falar com desprezo de Edgar Allan Poe, lamentara a falta de método ou ordem nas efusões românticas de Wilkie Collins<sup>1</sup>, elogiara desmedidamente dois autores norte-americanos praticamente desconhecidos — enfim, desta ou daquela maneira, rendera homenagens onde homenagens eram devidas e severamente as negara quando achara não ser o caso. Acompanhará a impressão do livro, examinará o produto final e, fora um número incrível de erros de impressão, declarara-o bom. A aventura literária lhe dera prazer, assim como a enorme quantidade de livros que tivera de ler. Tanto lhe dera prazer bufar com repugnância ao jogar um livro ao chão (embora sempre se lembrasse de levantar-se, apanhá-lo e cuidadosamente sepultá-lo na cesta de papéis), como balançar a cabeça com satisfação nas raras ocasiões em que ela se justificava.

E agora? Já gozara um agradável interlúdio de descanso, indispensável após o esforço intelectual. Mas não é possível descansar indefinidamente, é preciso seguir adiante. Lamentavelmente, Poirot não tinha a menor idéia do que fazer. Uma outra obra literária? Achava que não. Uma vez um trabalho feito, e bem feito, não se deve insistir, acreditava ele. A verdade é que estava enfarado. A extenuante atividade mental tivera o defeito de habituá-lo mal: estava incapacitado para o ócio.

---

<sup>1</sup> William Wilkie Collins, escritor inglês (1824-1889), um dos precursores, como Poe, da moderna história policial. Por sua forte tendência ao melodrama, não é apreciado — e, portanto, conhecido — hoje em dia.

*Merde!* — sacudiu a cabeça e tomou novo gole do chocolate.

A porta se abriu e entrou George, bem treinado criado. Seus modos eram respeitosos e já o tom de voz parecia um pedido de desculpas. Limpou a garganta e murmurou: — Uma... — fez uma pausa, —... uma... jovem senhora está aí.

Poirot o encarou com surpresa e leve reprovação.

— Não recebo ninguém a esta hora — lembrou com severidade.

— Sim senhor — concordou George.

Patrão e criado se entreolharam. Às vezes, a comunicação entre ambos era meio nebulosa. Pela inflexão de voz, por palavras que não chegavam a ser ditas, ou por outras cuidadosamente escolhidas, George costumava dar a entender que alguma informação adicional poderia ser obtida, desde, é claro, que fosse feita a pergunta certa.

— Essa jovem senhora é atraente? — Poirot indagou, cautelosamente.

— Em minha opinião... não, senhor; mas tudo é uma questão de gosto.

Poirot sopesou a resposta. Lembrou-se da breve pausa com que George antecederia a expressão “jovem senhora”. O criado tinha a preocupação de colocar cada pessoa em sua categoria social exata. E não estava certo quanto ao *status* da visitante; na dúvida, optara pela classificação mais generosa.

— Na sua opinião, ela é mesmo uma jovem senhora, e não, digamos, uma jovem... pessoa.

— Acho que sim, senhor, mas hoje em dia não é fácil ter certeza — o tom indicava o quanto George lamentava esse estado de coisas.

— Disse por que queria me ver?

— Ela disse... — a resposta vinha relutante, patente mais uma vez o prévio pedido de desculpas — que queria consultá-lo sobre um homicídio que pode ter cometido.

Hercule Poirot arregalou os olhos, elevando as sobrancelhas. — *Pode ter cometido? Ela não tem certeza?*

— Foi o que ela disse, senhor.

— Insuficiente, mas possivelmente interessante — diagnosticou Poirot.

— Pode ser... uma brincadeira, senhor — disse George, sem se comprometer.

— Tudo é possível — concordou Poirot, — mas é difícil acreditar... — ergueu a xícara. — Mande-a entrar daqui a cinco minutos.

— Sim, senhor — e George saiu.

Poirot tomou o último gole do chocolate. Empurrou a xícara para um lado e se levantou. Aproximou-se da lareira, olhou-se no espelho preso à parede; as pontas dos bigodes estavam em alturas diferentes, situação que corrigiu cuidadosamente, com um ajuste milimétrico. Satisfeito, voltou à cadeira e esperou a entrada da visitante, embora não soubesse exatamente o que esperar.

Talvez aguardasse algo que se aproximasse de sua própria definição da beleza feminina. “Uma bela mulher em perigo...” A expressão desgastada pelo muito uso veio-lhe ao pensamento. E logo se afastou, à entrada de George com a visitante. Intimamente, Poirot suspirou e balançou a cabeça. Certamente não era uma bela mulher — muito menos aparentemente estava em perigo. Talvez um tanto perplexa, mas decididamente não apavorada.

“Bolas!” — pensou Poirot com desgosto — “Essas moças! Nem ao menos tentam melhorar um pouco! Bem pintada, bem vestida, o cabelo penteado por um profissional competente... ela ainda poderia passar. Mas, assim!”

A visitante era uma moça de uns vinte anos. Os cabelos, compridos, despenteados, de uma cor indefinida, escorriam-lhe pelos ombros. Os olhos, de um azul esverdeado, eram grandes e não exprimiam coisa alguma. Vestia o que presumivelmente seriam as roupas de sua geração: botas altas de couro preto, meias brancas de lã, não muito limpas, uma mínima saia e um suéter grosso e grande demais para ela.

Em qualquer pessoa da idade de Poirot, a jovem só despertaria um impulso: o de fazê-la tomar um banho o mais depressa possível. Ele já tivera essa reação antes, na rua, em relação a centenas de moças exatamente iguais. Todas pareciam sujas. No entanto — uma contradição em termos — esta também parecia ter sido recentemente retirada das águas de um rio caudaloso. Essas

meninas, filosofou Poirot, talvez não sejam realmente sujas: apenas fazem o possível para dar essa impressão.

Levantou-se com sua costumeira polidez, apertou-lhe a mão e puxou uma cadeira.

— Queria me ver, mademoiselle? Sente-se, por favor.

— Oh — disse a moça, um tanto sem fôlego, encarando-o sem piscar.

— *Eh bien?* — continuou Poirot.

Ela hesitou — Eu prefiro... acho melhor ficar em pé — os grandes olhos continuavam a fitá-lo, carregados de dúvidas.

— Como quiser — Poirot voltou à sua cadeira e olhou-a esperando. A moça arrastou os pés, baixando a vista para logo voltar a encarar Poirot.

— O senhor... o senhor é Hercule Poirot?

— Indubitavelmente. Em que posso servi-la?

— Ah, bem, é meio complicado. Quer dizer...

Poirot sentiu que ela precisava de ajuda. E colaborou: — Meu criado disse-me que a senhora desejava consultar-me porque “pode ter cometido um homicídio”. É exato?

A moça concordou — É.

— Mas decerto não é uma questão que permita dúvidas. A senhora deve saber se cometeu ou não um crime.

— Bem, eu não sei explicar. Quer dizer...

— Vamos — disse Poirot com bondade. — Sente-se. Relaxe os músculos. Conte-me tudo.

— Não sei... ah, meu Deus, não sei como... O senhor não vê, é tão difícil. Eu... eu mudei de idéia. Não leve a mal, mas... acho que vou embora.

— Vamos. Coragem.

— Não. Não posso. Pensei que pudesse chegar e... e lhe perguntar, perguntar o que devo fazer... mas não posso... o senhor não percebe? É tão diferente do que eu pensava...

— Diferente, como?

— Por favor, desculpe, eu não quero ser grosseira, mas...

Ela respirou com força, olhou para Poirot, desviou o olhar, e por fim as palavras irromperam: — O senhor é velho demais. Não me disseram que era tão velho. Não quero parecer mal-educada, mas é isso: O senhor é velho demais. Desculpe, por favor...

Voltou-se abruptamente e saiu, agitada e tonta como uma mariposa à volta de uma lâmpada.

Poirot, ainda de boca aberta, ouviu bater a porta da frente.

Desabafou:

— *Nom d'un nom d'un nom...*



O TELEFONE TOCOU.

Hercule Poirot não deu sinal de vida. Tocou, e tocou, e tocou, numa insistência irritante. George entrou e se aproximou do aparelho, dirigindo uma muda interrogação ao patrão. Poirot fez um gesto:

— Deixe tocar — disse.

George obedeceu, saindo. O telefone continuou a tocar. O ruído penetrante e desagradável da campainha ocupou o silêncio da sala por mais alguns instantes, até cessar subitamente. Mas, um ou dois minutos depois, soou novamente.

— Ah, *Sapristi!* Só pode ser uma mulher, só pode ser. Poirot suspirou, ergueu-se e tirou o fone do gancho.

— Alô.

— É o senhor... é Monsieur Poirot?

— O próprio.

— É a Sra. Oliver... mas sua voz está diferente. Nem a reconheci.

— *Bonjour*, madame. Como está passando?

— Ah, otimamente — a voz de Ariadne Oliver tinha o seu habitual tom alegre. A famosa autora de histórias policiais e Poirot mantinham boas relações.

— É um pouco cedo para telefonar, mas quero lhe pedir um favor.

— Pois não.

— É o jantar anual do clube de escritores policiais; pensei que pudesse ser o nosso orador convidado deste ano. Seria muita gentileza sua, se viesse.

— Quando será?

— Mês que vem, dia 23. Um profundo suspiro:

— *Alas!* Eu sou velho demais!

— Velho? Que história é essa? O senhor não está velho coisíssima alguma.

— A senhora acha?

— Claro! Será formidável. Poderá nos contar uma porção de histórias lindas sobre crimes de verdade.

— E quem vai querer ouvir?

— Todo mundo. O pessoal... Monsieur Poirot, aconteceu alguma coisa? O senhor parece aborrecido.

— Estou mesmo aborrecido. Meus sentimentos,.. enfim, não importa.

— Mas, conte o que houve.

— Para que incomodá-la?

— Incômodo nenhum. O melhor é vir me contar tudo. Quando pode ser? Venha tomar chá hoje de tarde.

— Eu não tomo chá à tarde.

— Então, café.

— Não é a hora do dia em que costumo tomar café.

— Chocolate? Com creme *chantilly* por cima? Ou um chá de ervas? O senhor adora um chazinho de ervas. Ou uma limonada. Quem sabe uma laranjada? Se preferir esse café sem cafeína que apareceu agora, posso tentar conseguir...

— *Ah, ça non, par exemple!* É detestável!

— Então, um refresco, daqueles que o senhor gosta tanto. Acho que ainda tenho meia garrafa de Ribena.

— O que é Ribena?

— Sabor de groselha.

— É mesmo impossível resistir-lhe, madame! A senhora realmente não aceita recusas, e sou-lhe grato pela amabilidade. Aceito, então, tomar uma xícara de chocolate hoje à tarde.

— Ótimo. E vai me contar tudo sobre o que o aborreceu tanto.

Ela desligou.

Poirot pensou por um momento. Discou um número e pouco depois dizia: — Senhor Goby? Aqui Hercule Poirot. Está muito ocupado? — Mais ou menos — veio a resposta do Sr. Goby. — Mais para mais do que para menos. Mas, para servi-lo, Monsieur Poirot, se tem pressa, como de costume... ora, eu não diria que os meus rapazes não poderiam tomar conta de tudo o que temos no momento. É verdade que bons rapazes não são fáceis de conseguir, como antigamente. São muito presunçosos, hoje em dia, já pensam que sabem tudo, antes de começar a aprender. Mas, muito bem! Não se pode esperar cabeças experientes em cima de ombros jovens. Terei prazer em ficar pessoalmente às suas ordens, Monsieur Poirot. Talvez possa também usar um ou dois dos meninos para o serviço. Imagino que seja o de costume... conseguir informações, não?

Ouviu com atenção enquanto Poirot pormenorizava exatamente o que queria. Terminando com o Sr. Goby, Poirot ligou para a Scotland Yard, onde, depois de algum tempo, conseguiu falar com um amigo. Este respondeu, após ouvir os seus pedidos:

— Você não quer muita coisa, não? Qualquer homicídio, em qualquer lugar. Hora, vítima e local desconhecidos. Se quer a minha opinião, acho que é maluquice, meu caro — e acrescentou, com desaprovação: — Você não tem nem mesmo um ponto de partida!

Às 4h15m daquela tarde, Poirot estava sentado na sala de visitas da Sra. Oliver, tomando com prazer uma xícara de chocolate, generosamente encimada por uma coroa de creme *chantilly*, que a dona da casa colocara à sua frente, juntamente com um pratinho cheio de biscoitos língua-de-gato.



— Tanta gentileza, *chère* madame — olhando por cima da beira da xícara, ele examinava com algum espanto o penteado de sua amiga e o novo papel de parede que via por trás. Ambos eram novidade para ele. Na última vez que vira a Sra. Oliver, o estilo de seu penteado era simples e severo. Agora, apresentava uma profusão de rolos e espirais, intrincadamente dispostos à volta da cabeça. Suspeitava que boa parte daquela riqueza capilar fosse artificial. Tentou calcular quantas madeixas se desprenderiam quando a Sra. Oliver entrasse no estado de agitação que lhe era peculiar. E, quanto ao papel de parede...

— Estas cerejas... são novas, não? — apontou com a colher. Sentia-se quase afogado no meio de um denso pomar de cerejeiras.

— Acha que são cerejas demais? — perguntou a Sra. Oliver. — É tão difícil saber, antes, como vai ficar o papel na parede. Quem sabe o desenho antigo não seria melhor?

Poirot esforçou-se para visualizar o que havia antes. Lembrava-se vagamente de uma multidão de pássaros tropicais, de cores vivas, numa floresta. Pensou em comentar que *plus ça change, plus cest la même chose*, mas conteve-se.

— E agora — disse a Sra. Oliver, quando o seu convidado finalmente pousou a xícara e se refestelou na cadeira com um suspiro de satisfação, limpando o bigode de uns restos de creme, — o que aconteceu?

— É uma história muito simples. Hoje de manhã, uma jovem veio me ver. Sugeri que marcasse uma hora; é preciso manter um pouco de rotina, a senhora sabe. Mas ela mandou dizer que precisava ver-me imediatamente, porque pensava que podia ter cometido um homicídio.

— Que coisa esquisita. Ela não tinha certeza?

— Exatamente. *C'est inoui!* Por isso, disse a George que a mandasse entrar. Ela ficou parada na minha frente! Não quis se sentar, e ficou ali mesmo, encarando-me. Parecia uma retardada mental. Tentei encorajá-la. O único resultado foi que, de repente, disse que tinha mudado de idéia: que não queria ser grosseira, mas que — imagine só! — eu era velho demais.

A Sra. Oliver acorreu com palavras de consolo — Ora, essas meninas são assim mesmo. Acham que qualquer pessoa com mais de 35 está com um pé na sepultura. O senhor precisa compreender que são todas umas louquinhas.

— Fiquei extremamente magoado — disse Poirot.

— Ah, eu não me aborreceria por tão pouco. É claro que foi grosseria, mas...

— Isso não importa... não é um problema apenas dos *meus* sentimentos. Acontece que estou preocupado. Muito preocupado...

— Eu nem pensaria mais no assunto, se fosse o senhor — aconselhou a Sra. Oliver, decisiva.

— A senhora não está entendendo. Estou preocupado com a moça. Ela me procurou porque precisava de auxílio... mas decidiu que eu era velho, velho demais para poder ajudá-la. É claro que estava errada, mas o caso é que saiu correndo sem dizer mais nada. E estou lhe dizendo que aquela moça precisa de ajuda.

— Não sei, não — interveio a Sra. Oliver, ainda tranqüila. — Essas meninas costumam criar tempestades em copos d'água.

— A senhora está erradíssima. Ela precisa de ajuda.

— Não está pensando que ela matou alguém, não é mesmo?

— Por que não? Disse que tinha matado, não disse?

— Disse, mas... — e a Sra. Oliver fez uma pausa. — Ela afirmou que *talvez* tivesse cometido um crime — continuou. — O que queria dizer?

— Exatamente; não faz sentido.

— Quem será que ela matou, ou que pensa que matou? Poirot encolheu os ombros.

— E por que matou alguém?

Poirot novamente encolheu os ombros, sem responder.

— Pode ter sido uma porção de coisas — a Sra. Oliver começou a se animar, colocando em funcionamento sua prolífica imaginação. — Ela pode ter atropelado alguém e seguido em frente sem parar. Ou ter sido atacada por um homem, no alto de um penhasco e, na luta, tê-lo jogado no espaço. Ou, quem

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

